

Mistério envolve reunião de Pastore com credores

Nova Iorque — O coordenador do comitê de 14 bancos encarregados da renegociação da dívida externa brasileira, o banqueiro William Rhodes (do Citibank), disse ontem que geralmente as negociações como a que o Brasil está desenvolvendo agora em Nova Iorque levam “várias semanas”.

Rhodes, bastante tarde, chegou ao Citicorp por volta das 14h e foi ainda mais lacônico de que se costume com a imprensa, confinada a um plantão no **lobby** do banco, na Lexington Avenue, pois no 33º andar um segurança impedia a aproximação dos repórteres. O presidente do Banco Central do Brasil, Afonso Celso Pastore, até o final da tarde continuava em reunião e sua volta para o Brasil está marcada para sexta-feira.

Rhodes normalmente pára e dedica alguns minutos ao pequeno batalhão de repórteres brasileiros que atrai a atenção dos frequentadores da **plaza** do Citicorp. Um espaço de lojas e restaurantes como o “Alfredo il Originale, di Roma” (o dos fettuccinis), onde muitos nova-iorquinos vão descansar um pouco, ouvir música clássica ou **jazz**, ou simplesmente fazer compras: desde pipas de seda chinesa, até **pâtisserie**, ervas finas ou **posters** com reproduções de Matisse.

Esse é o ambiente da **plaza**. Acima, no 33º andar (na verdade o 32º pois os norte-americanos — supersticiosos — evitam colocar um 13º andar em seus edifícios), o clima é de mistério. A sala onde os banqueiros se reúnem não pode sequer ser fotografada ou filmada, mesmo vazia. “Política da **casa**”, explica um assessor do Citibank.

Ontem, pela manhã, a partir das 10h, nessa secretíssima sala — à direita do **lobby** dos elevadores — Pastore e seu diretor da Área Externa, José Madeira Serrano, estiveram reunidos com o comitê. Rhodes, ao chegar à tarde, disse que ainda não tinha estado com o presidente do BC e — ao contrário de seu costume —

não parou, chegando a confundir-se de elevador no afã de escapar ao assédio dos jornalistas.

A uma pergunta, se considerava possível um desfecho das negociações ainda no atual Governo, respondeu: “Não acho que deva entrar nisso. Estamos tendo discussões proveitosas com o atual Governo e isso é o que eu posso dizer agora.” Sobre o encontro dos banqueiros com Thomas Reichmann, do FMI, na sequência, quando foi discutido o conteúdo da Sétima Carta de Intenção do Brasil junto ao Fundo, Rhodes foi ainda mais lacônico: “Foi positivo”, limitou-se a dizer.

Pastore vem prometendo uma entrevista ao término da atual rodada das negociações. Ontem à tarde, após expor a proposta brasileira, ele estava sendo sabatinado pelos executivos do comitê. Um executivo de um grande banco norte-americano (que não participou da reunião de ontem mas acompanha de perto a negociação brasileira) reafirmou que acredita ser “difícil” chegar-se a um acordo plurianual, ainda no atual Governo.

Essa mesma fonte declarou que os banqueiros receberam com “agrado” o anúncio da equipe econômica encarregada de elaborar um plano para o futuro Governo Tancredo Neves. Um dos critérios que parece ter agradado é o caráter amplo da equipe escolhida, o que garantiria maior aceitação das medidas a serem adotadas para recuperar a economia brasileira.

Neste final de semana, após o primeiro **round** das atuais conversações, os representantes do comitê deverão procurar todos os bancos envolvidos na dívida brasileira (cerca de 600) e colher opiniões ou objeções para voltar a negociar, já em 85. Na renegociação mexicana, cujos passos o Brasil vem tentando seguir, o processo durou oito rodadas de uma semana para ser concluído.

FRITZ UTZERI
Correspondente